

APRESENTAÇÃO

É com satisfação que apresentamos a edição número 2, do volume número 4, da Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística, Língua Nostra. Os trabalhos aqui divulgados atendem ao escopo deste periódico de divulgação científica, a saber, explorar a relação entre Linguística, Gramática e Ensino, e reforçam o estreitamento necessário das relações entre o que se faz em ciência e o que se faz na sala de aula. Diante de números cada vez mais desanimadores, entre os quais chamamos a atenção para os resultados do PISA, recentemente divulgados, estudos que colaborem à mudança no cenário do ensino da leitura e da escrita no Brasil são um alento.

No primeiro artigo que apresentamos, Rosa, numa clara contribuição para o ensino de inglês como língua estrangeira ou a também chamada L2 ou língua adicional, em texto intitulado *The relevance of phonetics teaching for english sounds perception*, investiga o papel do ensino de fonética no que diz respeito à percepção das vogais altas frontais inglesas /i/ e /ɪ/. Por meio de uma avaliação pré e pós ensino do programa, a autora mostra que os aprendizes que receberam instrução fonética sobre as vogais altas frontais inglesas /i/ e /ɪ/, tiveram um melhor desempenho na distinção e na interpretação de tais sons comparados ao grupo de controle que não recebeu a instrução.

No segundo artigo, Santos e Timbane, em texto intitulado *Estudo comparativo sobre as escolhas lexicais no português moçambicano e brasileiro: o caso dos verbos e substantivos comuns*, analisam as diferenças das escolhas lexicais no Português Brasileiro e no Português moçambicano, explorando as influências da cultura nas escolhas lexicais pelos falantes. O estudo, que naturalmente envolveu participantes de ambos os países, sugere que as escolhas lexicais são condicionadas pela formação cultural e linguística do ser falante de uma determinada comunidade, pois o sistema linguístico permite a união e a intercompreensão entre os falantes. Os autores defendem, ainda, que existem características linguísticas específicas que não podem ser transferidas para outra variedade, justificando que a língua é um produto cultural.

Souza, em texto intitulado *Reflexões acerca do entendimento do termo letramento*, traz reflexões acerca do letramento, termo recentemente incorporado ao discurso pedagógico e bastante comum nos cursos de licenciatura. A discussão centra-se nas diversas acepções atribuídas a esse termo, muitas vezes, com acepção que se

sobrepõe ao conceito de alfabetização, por exemplo. Com essa discussão, o autor contribui para a consolidação de acepções mais apropriadas às discussões da área no momento, colaborando dessa forma às discussões a que se dedicam tais estudos.

Lima e Carvalho, em texto intitulado *Marcas de subjetividade na linguagem: o “eu” e o “tu” como elementos ativadores da interação discursiva*, defendem que a subjetividade é marcada na linguagem pela interação dos pronomes ‘eu’ e ‘tu’. A partir desse pressuposto, os autores afirmam que as linguísticas enunciativas consideram as situações interacionais de falas entre os sujeitos autônomos no discurso, implicando a marca do sujeito no ato comunicativo, em que ao mesmo tempo expõe intenções e direciona o conteúdo de suas falas por meio da apropriação de formas específicas da língua.

Claudionor Alves da Silva trata, no artigo a seguir, acerca da intrigante questão entre teoria e prática, mais especificamente entre concepções de ensino e ensino. Tal estudo ocorreu por meio de entrevistas a docentes do ciclo da alfabetização.

Na seção livre, Buriti e Bianchini analisam a clássica obra de Paulo Freire *Pedagogia da Autonomia*. Ambos exploram, em seus respectivos textos, a potencialidade de os saberes necessários à prática educativa de Paulo Freire, de fato, permearem as escolhas pedagógicas no ciclo da alfabetização. Segundo palavras de Bianchini, após a leitura criteriosa dessa obra “o professor terá a percepção de sua força impulsionadora de sujeitos autônomos que não se contentam com o inacabado”.

O último texto publicado nesta edição é uma entrevista com João Batista Oliveira, presidente do Instituto Alfa e Beto. O entrevistado dedica-se há muito tempo em entender o cenário de fracassos por que passa a alfabetização no Brasil e, ainda, em propor um ensino eficaz, baseado em evidências. Sua atuação no meio educacional foi reconhecido, no segundo semestre de 2006, com o Prêmio Darcy Ribeiro de Educação. Na entrevista, João Batista trata de tópicos controversos para o ciclo da alfabetização, como métodos fônicos e globais e as ideias de letramento na alfabetização, sobre a precariedade do ensino no Brasil desvelada pelas avaliações oficiais, sobre diagnóstico e intervenção em caso de dificuldade de aprendizado, entre outros aspectos.

Ronei Guaresi

Alceu Vanzig

Editores responsáveis pela edição v.4, n.2